

A ESCOLA NO AR DURANTE A PANDEMIA: BREVE HISTÓRIA DOS MEIOS NA EDUCAÇÃO E O CASO DA RÁDIO PRINCESA DA SERRA DE SERRA NEGRA DO NORTE– RN

THE SCHOOL ON THE AIR DURING THE PANDEMIC: A BRIEF HISTORY OF MEDIA IN THE EDUCATION AND PRINCESA DA SERRA RADIO STATION FROM SERRA NEGRA DO NORTE CITY'S CASE

Antônio Francisco Magnoni 1
Wellington C. M. Leite 2

Resumo: Este artigo tem o objetivo de fazer uma análise inicial sobre o programa radiofônico Educa Quarentena, apresentado pelo secretário de Educação e Cultura de Serra Negra do Norte, Rio Grande do Norte na rádio comunitária Princesa da Serra, 104,9 mHz, do mesmo município. Para esta análise, após a revisão bibliográfica, realizamos uma entrevista com o secretário municipal e a audição de dois programas. Relataremos, com base em autores como Mario Kaplún, Marcelo Kischinhevsky, Marques de Melo entre outros, o uso do rádio e das mídias digitais na Educação. Observamos que o Educa Quarentena, como programa de entrevistas e bate-papo não tem um roteiro rígido, apesar de estruturado, método em voga nos audiocasts, permitindo-lhe a liberdade e a interatividade propiciada pelo rádio ao vivo e mídias digitais.

Palavras-chave: Rádio. Educação. Pandemia. Educa Quarentena. EaD.

Abstract: This paper aims to analyze Educa Quarentena (Educate Quarantine in a free translation) radio show, hosted by Municipal Education and Culture secretary from Serra Negra do Norte city, Rio Grande do Norte State, at Princesa da Serra community radio, 104,9 mHz from the same city. To do that, after a bibliographical review, we did an interview with the Municipal Secretary and heard two episodes of the show. We'll make this report based in authors like Mario Kaplún, Marcelo Kischinhevsky, Marques de Melo among others to understand the uses of radio and digital media in Education. We observed that Educa Quarentena, as an interview and talk-show doesn't have a rigid script, although it is very structured like nowadays audiocasts, what means freedom and interactivity as live radio shows and digital media used to provide.

Keywords: Radio. Education. Pandemic. Educa Quarentena. e-Learning.

Jornalista e radialista. Professor do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMIT), Mestrado Profissional e Doutorado Acadêmico pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC/UNESP) de Bauru.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5884461869811166>.
ORCID: 0000-0002-6495-8045.
E-mail: af.magnoni@unesp.br

Doutor em Mídia e Tecnologia, mestre em Comunicação Midiática e bacharel em Comunicação Social – habilitação em Rádio e TV. Radialista e professor das Faculdades Integradas de Bauru.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2037713942936648>.
ORCID: 0000-0003-3675-4384.
E-mail: wellingtoncmleite@gmail.com

Introdução

O rádio, desde as suas primeiras transmissões experimentais (MOLES, 1973, p. 218), revelou-se um veículo de comunicação em tempo real que utiliza mensagens sonoras muito úteis, abrangentes, capazes de alcançar e informar as populações distantes das regiões urbanas, ou mesmo, de aproximar socialmente as pessoas que vivem em isolamento geográfico. Em situações emergenciais, a radiodifusão oferece os canais de comunicação mais versáteis e acessíveis, em termos de custo e de facilidades operacionais. Uma simples busca na internet, mostrará uma sequência de acontecimentos registrados em relatos históricos, matérias e reportagens sobre o protagonismo do rádio para mobilizar ajuda e salvamento em acidentes, guerras, desastres naturais tais como: a rede de rádios e satélites para alertas no Chile durante e após o terremoto de 2010; ou o papel das emissoras movidas a geradores a diesel nos EUA, após a destruição causada em 2005 pelo Katrina. Nas campanhas de saúde pública, em todos os continentes, há muitos exemplos radiofônicos para serem citados. Um exemplo recente, foram os esforços educativos realizados pelas emissoras de países da África ocidental durante os surtos de ebola, que serviram de experiência para as autoridades sanitárias da OMS promoverem campanhas similares para enfrentar a atual epidemia mundial de Covid-19.

Aqui no Brasil, o primeiro caso do novo tipo de coronavírus (Covid-19), foi diagnosticado e notificado no dia 25 de fevereiro de 2020. O registro oficial é de um homem de 61 anos residente em São Paulo, que esteve na Itália entre 9 e 21 de fevereiro, país europeu com quase 80 mil infectados e, com índice de mortalidade que alcançou mais de 9% dos contaminados. A pandemia de Covid-19 provocada pelo vírus SARS-CoV-2 ou novo Coronavírus desencadeou mundialmente intensa emergência médico-sanitária e epidemiológica, com muitos efeitos colaterais psicossociais, laborais econômicos, políticos, culturais e estruturais; uma instabilidade coletiva com prejuízos em múltiplos aspectos, um revés global que desde o final da Segunda Guerra Mundial, não era registrado entre as sociedades contemporâneas. Os sistemas escolares mundiais, que constituem um dos maiores e complexos serviços públicos da atualidade, foram os primeiros obrigados a interromper as suas atividades presenciais de ensino e passaram a utilizar diversos recursos e tecnologias remotas para ensino-aprendizagem. Ou seja, a pandemia obrigou os governos a tomarem decisões político-administrativa e educacionais de utilizar recursos remotos para poder oferecer aulas escolares em suas redes públicas. Tal decisão, mesmo com os recursos existentes na atualidade, não é tão fácil e rápido de ser viabilizada de forma satisfatória.

Este artigo destaca a iniciativa da Secretaria da Educação da prefeitura de Serra Negra do Norte, no estado do Rio Grande do Norte, que escolheu o rádio para se comunicar com os estudantes das escolas públicas após a suspensão das aulas. Primeiramente, e de forma breve, abordaremos a história e as possibilidades do EaD, ou seja, do Ensino à Distância e as suas várias formas de desenvolvimento no Brasil. Em seguida apresentaremos uma discussão sobre as tentativas locais e nacionais, de utilização de várias tecnologias e matrizes didático-pedagógicas de EaD, para suprir, durante a pandemia de Covid-19, a suspensão das aulas presenciais. Também relatamos no artigo, à título de exemplo, a entrevista que realizamos com o secretário de Educação e Cultura do referido município sobre o programa radiofônico Educa Quarentena, seguida das considerações finais.

A história da comunicação escrita e as possibilidades de ensinar à distância

Quando falamos de educação remota, não nos referimos exclusivamente à sistemas de ensino-aprendizagem feitos e difundidos com tecnologias e emissoras de radiodifusão sonora e audiovisual, ou com redes, aplicativos e dispositivos informáticos conectados à Internet. A EaD inclui, desde os seus primórdios, o uso de materiais escritos e impressos. Aliás, entre as sociedades da Antiguidade o desenvolvimento e a disseminação da escrita (DE MASI, 2003, p. 94) e dos textos redigidos em suportes leves e portáteis como o couro (pergaminho), o papíro e o papel de celulose já haviam criado a possibilidade de comunicação e de ensinar e aprender à distância, muito tempo antes do desenvolvimento das técnicas de impressão tipográfica, que

passaram a progredir desde o início do chamado Renascimento europeu”.

Em todas as épocas posteriores ao desenvolvimento e a disseminação dos sistemas de escrita entre várias civilizações, sobretudo da Ásia, do norte da África e Europa, há registros da disseminação do uso de informações escritas entre as suas respectivas camadas sociais e culturais, conforme as suas relações sociais, produtivas e econômicas tornaram-se mais complexas e, culturalmente mais sofisticadas. A expansão da escrita e da leitura também contribuiu para aumentar a produção e reprodução dos textos manuscritos de conteúdos literários, religiosos, comerciais, políticos. Entre as sociedades renascentistas, a progressão da importância cultural, laboral, produtiva, comercial, financeira, política e militar da escrita sempre instigou muita gente a aprender a escrever e ler, mesmo sem haver acesso às escolas ou aos ensinamentos dos custosos serviços dos preceptores e dos professores particulares, que antes do desenvolvimento dos sistemas escolares, ensinavam aos filhos dos nobres ou da burguesia, além de religiosos e comandos militares. Portanto, a cultura analógica de codificação e interpretação (visualização, audição, entendimento racional do visto e ouvido, que são traduzidos em comunicação falada, escrita e em leitura) desenvolvida pela capacidade humana, individual e grupal, de raciocínio, observação, aprendizados, memorização, reprodução e compartilhamento de informações, é o mais antigo, abrangente e bem sucedido sistema social de comunicação analógica.

Por isto, a comunicação oral-interpessoal continua indispensável para que os laços interpessoais dos humanos se estabeleçam em âmbitos afetivos e sociais e se fortaleçam nas relações e nos convívios sociais diários. Entretanto, é preciso destacar que mesmo a fala, que é a primeira grande manifestação de uma criança durante o desenvolvimento físico, mental e, também de pertencimento cultural, a partir do desenvolvimento e popularização das tecnologias do cinema sonoro, da radiodifusão e da internet, também foi crescentemente mediada.

Na atualidade, as pessoas inseridas no acesso e com domínio geracional ou vivencial (nativos e migrantes digitais) passaram a utilizar espontaneamente em suas mensagens interpessoais cotidianas, que são trocadas em distintos canais midiáticos, vários tipos de linguagens, que mesclam cada vez mais, ferramentas e suportes analógicos com os novos recursos digitais, produzindo interfaces comunicativas criativas e inovadoras, do ponto de vista de interação sociocultural. É esclarecedor observar que são os produtores de conteúdo dos veículos comerciais, digitais e tradicionais, os primeiros profissionais que identificam e se apropriam de tais mudanças para reforçar as suas interfaces sociais e até afetivas, com os seus públicos. Ironicamente, é o universo educativo em seu percurso mais lento e tradicionalista que pouco se modifica e tampouco se preocupa em apropriar-se rapidamente dessas novas formas e tendências de comunicação coletiva, que também poderiam propiciar instrumentos didático-pedagógicos atraentes, mobilizadores e renovadores, tanto para o ensino presencial, quanto para o ensino remoto.

Entre as culturas ocidentais de matriz europeias, a invenção da impressão tipográfica (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24), que facilitou a produção livreira e também intensificou as divulgações informativas em diversos tipos de suportes impressos, foi o sistema pioneiro de produção e difusão cultural em larga escala, que deu origem às atuais e massificadas “indústrias criativas e comunicativas”. Mas, muito antes do desenvolvimento da impressão gráfica na Europa, tinha ocorrido mudanças culturais entre todas as sociedades antigas que haviam produzido recursos e culturas de comunicação escrita. Na prática, a prensa de Gutenberg foi uma tecnologia feita para, digamos, mecanizar a milenar e intensa produção e reprodução manuscrita feita por copistas profissionais, de informações cotidianas sucintas e também de livros e documentos político-militares, pedagógico-culturais, religiosos e de uma infinidade de assuntos e conhecimentos de interesse de diversos setores sociais. É curioso observarmos que a disseminação das oficinas de imprensa provocou o primeiro grande surto europeu de desemprego provocado pela mecanização do trabalho, que extinguiu uma antiga, numerosa e especializada categoria laboral.

Graças à disseminação textual, os conhecimentos de muitas culturas puderam ser intercambiados, alguns saberes eruditos e clássicos tornaram-se mundiais; os documentos escritos

formam as primeiras ferramentas remotas e burocráticas para administrar as sociedades e os Estados e para preservar as histórias e as culturas coletivas dos povos. Os livros serviram como as primeiras grandes ferramentas de educação formal e também autodidática; muito antes das sociedades começarem a instituir a escolarização coletiva sustentadas pelas sociedades e pelos Estados; desde os tempos antigos muitos indivíduos puderam aprender a ler, escrever, ou seja, adquiriram meios para enfrentar os milenares obstáculos sociais, culturais e econômicos.

O EaD e seu desenvolvimento no Brasil

Na atualidade, é necessário que os professores conteudistas e os profissionais produtores de aulas para sistemas de EaD saibam combinar linguagens e ferramentas analógicas, eletrônicas e computacionais para produção de narrativas escritas, sonoras, pictóricas e audiovisuais. Afinal, o ensino remoto realizado com tecnologias de radiodifusão e de computação em rede passou a exigir dos professores, um domínio razoável de utilização de dispositivos e ferramentas especializadas para registrar e finalizar as várias etapas de produção e de edição necessárias para criar boas “cenografias didáticas” para aulas. Os conteúdos disciplinares para os alunos de ensino midiático exigem linguagens simples e atraentes, combinadas com formas de apresentação pedagogicamente eficientes passam a acentuar a sua interferência técnico-cultural entre as camadas sociais e geracionais que tinham acesso às inovações tecnológicas.

Instrumentos musicais, canto e interpretação teatral, materiais de pintura, de escultura e de cenografia, fios e instrumentos de tecelagem, jogo de tabuleiros, quebra-cabeças, massas de moldar e peças de montar, toda essa variedade de materiais pode ser transformada em ferramentas didático-pedagógicas utilizadas no ensino presencial e na EaD. As “utilidades pedagógicas” analógicas e digitais podem ser registradas e editadas audiovisualmente como componentes didáticos muito eficazes para aumentar a “persuasão pedagógica” das aulas remotas. Quem produz conteúdos para aulas não-presenciais deve procurar criar, idealmente, materiais didáticos ajustados aos meios e suportes de que dispõe para a sua difusão. Mas os conteúdos não são derivados de fontes abstratas. Os conteudistas poderão utilizar informações existentes em livros adotados pelos currículos aprovados pela LDB, que não distingue os conteúdos obrigatórios para as aulas presenciais ou remotas (pensando, inclusive, nas melhores formas de inserir as explicações complementares, que seriam escritas na lousa da sala de aula).

Nas aulas remotas, um conteúdo complementar pode ser gravado em áudio ou vídeo pelo professor, ou ser transformado em arquivo ou apostila escrita para ser enviada aos alunos. Ainda, é preciso escolher (em função da possibilidade de acesso dos alunos) se os conteúdos didáticos serão repassados em apostilas impressas ou serão enviados em arquivos digitais para serem lidos em monitores; antes de optar por uma, das duas formas, é preciso saber qual delas é mais adequada às condições de recepção e de aprendizado dos alunos que serão atendidos.

Áudio-aulas também são viáveis porque são mensagens faladas, que podem ser transmitidas por radiodifusão analógica ou em formatos de audiocast digitais (podcasts) para serem difundido pela internet. Igualmente as vídeo-aulas são recursos didáticos muitíssimo interessantes, tanto pelas transmissões online feitas pela internet, quanto por difusão em emissoras de televisão, ou em suportes pré-gravados. Depois da digitalização das tecnologias de TV, ambas as formas de produção e difusão permitem a inserção de conteúdos audiovisuais e conteúdos sonoros gravados, informações escritas, com a adição de canais e recursos de interação entre os participantes, o que permite que as aulas sejam, praticamente, “presenciais-virtuais”.

Atualmente, há uma grande disponibilidade de ferramentas virtuais para a criação de canais online com recursos multimidiáticos. São programas (softwares) gratuitos ou pagos, cuja escolha pelo usuário dependerá da capacidade de processamento (hardware) dos computadores disponíveis, e da capacidade de tráfego de dados pelas redes utilizadas, tanto para enviar, quanto para receber as aulas remotas. Qualquer sistema de EaD minimamente eficiente irá depender de um planejamento didático pedagógico criterioso que saiba aproveitar as potencialidades e, que também observe e busque compensar as fragilidades do veículo midiático utilizado, no momento de divulgar as aulas remotas para um alunado de diversas faixas etárias e distintas condições socioeconômicas.

Definido o aparato tecnológico para a realização das atividades de EaD, as tarefas educativas também terão que ser planejadas em conformidade com as Diretrizes Curriculares vigentes, com conteúdos que transmitam conhecimentos clássicos e cotidianos, que utilize métodos eficientes e sistemas avaliativos pertinentes e justos, cujas concepções político-pedagógicas sejam compatíveis com a amplitude socioeconômica e cultural brasileira.

A comunicação sonora fonográfica e pelo rádio: a mediatização plena das sociedades contemporâneas

Desde o início da década de 1920 (MAGNONI, 1999, p. 41), o predomínio exclusivo e milenar da comunicação escrita, como principal recurso artificial de preservação histórica e intelectual dos povos letrados, começou a ser disputada por outros veículos e novas linguagens informativas. O final da Primeira Guerra Mundial desencadeou em todos os continentes o uso civil, público e comercial, das emissoras de rádio produzindo o primeiro e mais abrangente veículo de comunicação oral e musical da história das civilizações. Mas, antes que as tecnologias de radiodifusão tivessem condições de produzir um sistema mundial predominante, a disseminação da cultura oral-sonora utilizada pelo rádio, começou ainda durante as duas últimas décadas do século XIX, com a invenção e aprimoramento dos primeiros dispositivos técnicos para gravação de sons, uma tecnologia que naquela época pioneira, era denominada “máquina de falar”. A expansão crescente das populações e das economias urbanas nos países em industrialização estimulou a popularização dos estilos em frequentes apresentações musicais que combinavam as diversas inovações instrumentais com vários estilos de interpretações cantadas. Houve grande renovação harmônica das tradicionais produções religiosas e o desenvolvimento de vários gêneros e estilos musicais eruditos. Entre as vertentes populares, a nova cultura urbana de lazer e entretenimento fez progredir um mercado de produção e apresentações musicais para animar bares, cabarés, restaurantes, circos e os teatros populares.

Antes, em 1877, Thomás Alva Edson (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 180) ao apresentar publicamente o fonógrafo, o experimento do grande inventor estadunidense significava também a primeira tecnologia para realizar registros e reprodução de mensagens verbais-sonoras. Os recursos para realizar gravações fonográficas (para se “ler com os ouvidos”) em cilindros ou em discos foram rapidamente aprimorados; tanto, que antes da virada de século, um grande sistema de gravação e distribuição de repertórios fonográficos já estava se espalhando por vários continentes para vender gravações musicais aos públicos de todo o mundo. Os novos produtores e mercadores fonográficos foram muito hábeis e rápidos para identificar as regiões e as populações com bom potencial para formar mercados consumidores de cilindros e discos (DE MARCHI, 2016, p. 60).

Quando a radiodifusão começou a expandir-se por todos os continentes, os primeiros programadores de rádio não encontraram muita dificuldade para preencher todos os seus horários de transmissão diária, com repertórios musicais nacionais e estrangeiros, que vinham sendo produzidos há mais de duas décadas, com muitos sucessos de grande reconhecimento de todas as camadas sociais. A produção e a difusão musical fonográfica antecedeu o rádio e criou em uma porção significativa do público daquela época, o hábito de audição de coletâneas musicais gravadas; muitos dos sucessos dos grandes intérpretes do disco eram cantados e tocados (por causa de venda de partituras) nas festas populares e até nos saraus familiares, antes da existência da radiodifusão, mas que mostrava uma tendência, a do uso dessas tecnologias para o entretenimento.

No início dos 1930, Hollywood começou a produção massiva dos filmes sonoros e coloridos, o que significou um predomínio até hoje não superado, da comunicação audiovisual completa e coordenada por uma indústria cultural internacionalizada, que do ponto de vista mercadológico, sempre utilizou um modelo midiático convergente e liderado pelos EUA e os seus poucos parceiros europeus, um potente arranjo produtivo que iria “americanizar” em quase todo o mundo contemporâneo, os mercados simbólicos e as culturas midiáticas nacionais.

A rápida expansão e popularização dos veículos e dos dispositivos de comunicação por mensagens sonoras e audiovisuais produziram uma reviravolta na cultura midiática moderna,

iniciada pela publicidade e pela imprensa periódica. Houve também o deslocamento definitivo das informações impressas do epicentro da comunicação de massa. Enquanto os meios impressos excluía milhões de analfabetos e de pessoas letradas que não tinham acesso aos jornais e revistas, o desenvolvimento e a popularização dos veículos eletrônicos sonoros e audiovisuais reforçaram as mensagens faladas como a principal ferramenta de disseminação e domínio da comunicação midiática contemporânea. Após a Segunda Guerra mundial, foi contínuo o processo de transformação e ampliação da abrangência midiática com o objetivo de consolidar um sistema criado e movido pelos interesses econômicos e culturais, modernos e ocidentais, uma estratégia liderada pela hegemonia político-ideológica dos Estados Unidos.

Durante a década de 1950 começou no Japão, a produção dos primeiros aparelhos transistorizados e portáteis de recepção de rádio. A invenção do transistor nos EUA deu início à microeletrônica, tecnologia que permitiria miniaturizar os componentes dos dispositivos eletrônicos domésticos e profissionais, fator que facilitou a portabilidade porque reduziu o tamanho dos equipamentos e o consumo de energia de pilhas e baterias. Ademais, também popularizou a audiência individual das emissoras que tocavam ritmos jovens, um tipo de música considerada incômoda durante o domínio do rádio doméstico, coletivo. Fato que também serviu para enviar mensagens didático-pedagógicas de alunos de diversas faixas etárias, em aulas presenciais e remotas. Esse processo seria completado pela digitalização e a convergência midiática, acelerado fortemente a partir da Internet comercial.

Do ponto de vista histórico, e econômico e cultural, é interessante ressaltar que o desenvolvimento da televisão como veículo audiovisual de massa, ocorreu de forma simultânea com o desenvolvimento da informática. Tanto, que fabricação de receptores, e as tecnologias de produção e de transmissão de televisão foram beneficiadas pela crescente informatização dos componentes industriais eletrônicos. As telecomunicações digitalizadas foram estratégicas para a criação de redes, que no Brasil, assegurou a hegemonia da rede Globo. Como veículo audiovisual massivo, se apropriou de matrizes comunicativas vindas do circo, do teatro, da literatura, do cinema, da discografia, da imprensa e do rádio. Portanto, a televisão foi um veículo analógico bastante inovador, sincrético e convergente nos aspectos de apropriação e junção de tecnologias, de matrizes criativas e práticas profissionais, de linguagens e conteúdos narrativo-informativos. No contexto brasileiro, o poderio comunicativo da televisão, cujas transmissões pioneiras completaram 70 anos em 18 de setembro de 2020, se tornaria predominante dos anos 1970 em diante. O início das transmissões nacionais em rede e, também “em cores” instigou a classe média a investir na aquisição e na audiência do “veículo da moda”.

O gradual barateamento dos receptores passou a inserir, no início dos anos 1980, as enormes camadas pobres da população na audiência. No começo daquela década, a comunicação audiovisual do cinema e da tevê no Brasil ganhou reforço do videocassete. O aparelho doméstico é derivado do videoteipe profissional, tecnologia desenvolvida em 1956, nos EUA. A disputa acirrada entre Japão, Europa e EUA, pelo domínio mundial das tecnologias de televisão durante os anos 1970, favoreceu o desenvolvimento em larga escala, de novos equipamentos eletrônicos. Assim, os diversos produtores inundaram os mercados mundiais com as primeiras câmeras e gravadores/editores de vídeo, disponibilidade de equipamentos semiprofissionais com preços muito mais acessíveis que os equipamentos profissionais.

A disponibilidade dos novos equipamentos permitiu ao vídeo desenvolver-se como um produto experimental, com intensa criação de formatos e linguagens audiovisuais independentes da televisão e do cinema. Boa parte dos conteúdos audiovisuais independentes que deram origem ao YouTube em meados dos anos 2000 são derivados da cultura audiovisual independente desenvolvida pelos criadores de vídeo-amadores.

No Brasil, o fato da tevê a cabo ter surgido só nos anos 1990 e, por mantido as suas assinaturas com preços elevados por muito tempo, o acesso era limitado a um percentual de assinantes inferior a 5% da população. Isto também contribuiu bastante com a expansão do videocassete, em primeiro lugar como meio de entretenimento alternativo complementar à tevê; as videolocadoras espalharam-se pelas cidades brasileiras exibindo lançamentos de títulos novos e antigos, a maioria de produção dos EUA. Mas o vídeo projetou-se também como um meio versátil e eficiente para veicular manuais de instrução de equipamentos, como meio

de formação e treinamento profissional, como veículo de registro de aulas, palestras e conferências e como um veículo versátil e relativamente acessível para ser utilizado pelas escolas, para a difusão audiovisual de conteúdos pedagógicos em sala de aula.

O caso do Educa Quarentena e formas remotas de Ensino-aprendizagem no Brasil

Ainda no início de 2020, houve a imposição de isolamento social em todo o planeta, situação emergencial que afetou a maioria das atividades econômicas e produtivas globais, foi uma recomendação enfática da Organização Mundial de Saúde (OMS) feitas aos governos em todos os continentes. A desestabilização da “normalidade socioeconômica” produzida pela pandemia desencadeou nos setores dirigentes dos sistemas comerciais, financeiros, e de uma infinidade de serviços e setores produtivos, buscas incessantes por novas formas e recursos para a intensificação do teletrabalho durante a persistência do isolamento. Os dispositivos e redes digitais tornaram-se indispensáveis para realizar muitas modalidades de trabalho, para sustentar pelas vias virtuais as sociabilidades cotidianas fisicamente interrompidas, para adquirir bens e serviços de entregas comerciais e domésticas; também para operar remotamente todos os fornecedores e insumos que suprem os sistemas produtivos estratégicos, que prosseguiram operando.

Assim, trabalhar, estudar, socializar, adquirir bens de consumo e serviços, consultar um médico: todas essas atividades diárias corriqueiras ficaram mais complexas durante a pandemia porque passaram a depender da disponibilidade das redes de Internet e do domínio pleno das ferramentas de comunicação e informação. Em cada localidade do planeta, as medidas sanitárias preventivas provocaram imensos transtornos sociais. Possivelmente, um dos setores sociais que foram primeiramente e profundamente afetados, são as redes educacionais presenciais; todos os ambientes formais de educação públicos e privados tiveram que adotar alguma metodologia e tecnologias de ensino remoto, para contornar a situação emergencial.

Também, milhões de pais de crianças do ensino infantil e fundamental, ou de adolescentes que cursam o ensino médio, tiveram que lidar com alguma resistência emocional dos filhos ao cumprimento do isolamento doméstico, além de serem forçados a administrar com ênfase uma rotina doméstica plenamente alterada pela nova exigência de convívio contínuo. Para as famílias de classe média, que estão habituadas a contratar empregadas domésticas ou faxineiras, o isolamento atribuiu para todos os seus membros algumas tarefas nem sempre lhes foram habituais.

Entre o rol de novas tarefas de pais e mães, foi incluído o compartilhamento da agenda escolar de cada filho, para que possam ajudar a gerir as atividades educacionais de cada um; ou diante das dificuldades de aprendizado apresentadas durante as aulas remotas, muitos passaram até a participar e auxiliar no desenvolvimento de suas atividades realizadas com diversos recursos e tecnologias remotas para ensino-aprendizagem online.

No Brasil, apesar do presidente da república ter subestimado a disseminação da Covid-19, em uma postura similar à de Donald Trump, nos EUA, país com maior índice mundial de infectados e de mortos pelo Coronavírus, aqui, as autoridades sanitárias federais, estaduais e municipais deram início em 24 de março de 2020, às medidas intensivas de isolamento social. Com o bloqueio sanitário coube aos dirigentes dos sistemas educacionais brasileiros, o desafio apressado de improvisar algumas formas viáveis, ou possíveis, para iniciar aulas ou orientações pedagógicas não presenciais para atender parcialmente a enorme população estudantil brasileira.

À espera de uma vacina, algumas cidades brasileiras estabeleceram parcerias com emissoras locais para complementar pelo rádio, os conteúdos que estão sendo feitos à distância. Para registrar este trabalho emergencial de teleeducação radiofônica, analisamos o programa Educa Quarentena, apresentado na Rádio Princesa da Serra FM, de segunda a sexta-feira, das 15h às 16h, por Petrucio Ferreira, secretário de Educação e Cultura do município de Serra Negra do Norte – RN. Além de ser o atual secretário municipal, Petrucio é jornalista, pedagogo, pós-graduado em gestão pública, mestre em Educação e professor universitário. Durante a

pandemia o secretário produz e veicula diariamente por 1 hora, entrevistas com professores da rede municipal para debater um assunto do programa de ensino das disciplinas ministradas, para promover enquetes sobre as disciplinas abordadas e manter as crianças e pais informados sobre a situação escolar. Além do dial da emissora local, o programa é veiculado pela internet e pelo Facebook do secretário de educação municipal (que é acusado pela oposição política local, de utilizar o programa para se autopromover durante a pandemia).

A iniciativa ativa, entre as tantas possibilidades de um veículo sonoro e centenário, uma das potencialidades do rádio, a força do local (SOUZA; SOUZA, 2017, p.3). Ela envolve a comunidade com a figura do professor, personagem conhecido da comunidade de pouco mais de 8 mil habitantes¹. Podemos perceber, ao aplicarmos as observações de José Vigil, que o programa Educa Quarentena, por seu formato “híbrido” é uma radiorevista (VIGIL, 2004, p. 370). Sob o aspecto educativo, desde há muito, Mario Kaplún demonstra, pela sua prática e pelos seus textos, o poder educativo que o rádio tem, característica que o autor reforça ao utilizar pensadores como Paulo Freire, Juan Díaz Bordenave, Jerry O’Sullivan-Ryan, Antonio Pasquali, Ramiro Beltrán (MELO et al, 2006, p. 30), Antonio Gramsci, Bertold Brecht, Cloudier, Antonio Paoli, Célestine Freinet (2006, p. 64) entre outros autores e pesquisadores Educação e da Comunicação midiática.

Segundo José Marques de Melo, o autor baseou sua prática e seus livros em “propugnadores de alternativas de intercâmbio simbólico capazes de ensejar autênticos processos comunicacionais, ou melhor, ‘dialógicos’”. Kaplún², através de livros como *El Comunicador Popular*, *La Educación por la Comunicación*, *Una pedagogía de la Comunicación*, concretiza propostas teóricas e contrói métodos e técnicas destinados a transformá-los em ações eficazes para formação de cidadãos críticos. Para isso, o autor buscou criticar o que chamou de Comunicação Dominadora (do monólogo e do poder verticais, unidirecional, concentrada em minorias) e substituí-la por uma Comunicação Democrática (baseada no diálogo, na comunidade, na horizontalidade, sempre a serviço das maiorias).

Segundo Esmeralda Uribe, especialmente a influência de Lev Vigotsky fez com que Mario Kaplún pensasse seu método de “educação comunicante” como um processo em que se aprende “de outros e com os outros”, forma não-bancária, não-mecânica, tampouco divorciada da vida, passiva e amorfa (MELO, 2006, p 65). Kaplún destaca a importância da educação com “ênfase no processo”, cuja preocupação não é conteudística nem visa medir resultados, mas a “interação dialética entre as pessoas e sua realidade e o desenvolvimento da capacidade intelectual e da consciência social”. O objetivo desse processo é a “transformação das pessoas e das comunidades” (2017, p. 35). Para isso, o autor argentino utiliza as funções de “informar, educar” e “entreter” que, segundo ele, não devem ser categorias de programas, mas qualidades simultâneas que devem estar presentes em todo evento radiofônico (2017, p. 21).

Creemos que o Educa Quarentena satisfaz esses parâmetros, especialmente por debater temas do currículo escolar de forma ampla, destinados a todos os discentes, que mesclam entrevista, música, jogos e desafios com a participação do público, baseados nas tarefas e no conteúdo programático que os estudantes recebem de seus professores. Evidentemente, essa iniciativa – por mais divertida, informativa, local e dialógica que seja, e por permitir que a família volte a tomar parte do processo educativo junto com seus filhos, com vistas a modificar a vida (TEIXEIRA, 1975, p.59) – não substitui o ensino presencial. Mas é inegável que segue uma tradição da comunicação educativa brasileira.

Breve relato histórico da educomídia brasileira

Mario Kaplún defendia que os meios educavam permanentemente. Por caminho semelhante, Vigil defende o rádio com “finalidade social”, cuja informação deve formar (2004, p. 209), informar (2004, p. 212) e transformar (2004, p. 213). Características que no Brasil

1 Segundo o último censo do IBGE, em 2019. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/serra-negra-do-norte/panorama> acesso em agosto de 2020.

2 É dele o método Cassete-fórum, cuja proposta era levar informação em forma de áudio a comunidades isoladas da América Latina, estimular nelas o debate e a produção de conteúdo sonoro como resposta ao que foi enviado (MELO, 2006, p. 31).

começaram a ser desenvolvidas por Roquette Pinto, logo após o início da radiodifusão. Um dos intelectuais brasileiros precursores do modernismo, médico de formação, além de poeta e compositor, que estava presente na Exposição Internacional do Rio de Janeiro organizada em 1922 para comemorar o primeiro centenário da independência do Brasil. Este foi o primeiro grande palco para que fabricantes estrangeiros exibirem transmissores e outros equipamentos para radiodifusão. Foi lá que Edgard Roquette Pinto assistiu aos experimentos e decidiu criar uma emissora para difusão de informação e cultura.

Por ter participado de várias expedições pelo sertão brasileiro, conduzidas pelo marechal Cândido Rondon, conheceu o abandono e o isolamento que castigava a população sertaneja; como também era participante ativo do “Movimento Escola Nova, Roquette defendia educação pública abrangente e gratuita para todos e se tornou o pioneiro no Brasil, junto de Henrique Morize, a pensar nas possibilidades educativas que o rádio poderia propiciar para a maioria da população brasileira.

Outro intelectual a propor a utilização do rádio (e do cinema) na teleeducação foi o educador Anísio Teixeira. Em 1928, Teixeira contou com ajuda de Roquette Pinto para estruturar a Rádio Escola Municipal e pôr em prática um projeto que propunha a instalação de receptores radiofônicos e de projetores de cinema nas escolas do Rio de Janeiro. A Rádio Escola enviava para os alunos inscritos, o material didático impresso pelo correio, antes da transmissão das aulas. Os estudantes devolviam para a emissora os trabalhos exigidos e mantinham contato com os orientadores por meio de visitas, carta ou telefone. Propostas pioneiras de educação à distância como a imaginada por Anísio Teixeira e Roquette Pinto não chegaram a ser realizadas plenamente. Além de não existir uma política de ensino regular no País antes de 1930, um outro problema para se desenvolver uma estrutura de educação a distância era a precariedade técnica das emissoras existentes, um fator que dificultava a formação de redes de transmissão nacional, como havia nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e na União Soviética, desde o início dos anos 1920.

É oportuno ressaltar que com Getúlio Vargas e o predomínio das emissoras comerciais, as reivindicações dos pioneiros da radiodifusão educativa foram minimamente atendidas pela Lei n.º 378, de 1937, que criou o Serviço de Rádio Educativo (SRE), estabelecendo a obrigatoriedade de todas as estações privadas veicularem diariamente um programinha educativo de dez minutos. Entretanto, os donos de rádios alegaram não dispor de pessoal especializado e de equipamentos suficientes para produzir esse tipo de programação. O governo federal, para não fugir à regra histórica, ignorou o descumprimento da legislação aprovada.

A partir do Estado Novo, a Constituição ditatorial de 1937 aprovou as leis orgânicas do ensino brasileiro, que iriam regulamentar uma série de decretos-leis divulgados entre 1942 e 1945, o período de distensão política do governo de Vargas.

Além das leis orgânicas do ensino, o período histórico do Estado Novo forjou algumas entidades [como o] Instituto Nacional de Estudos pedagógicos (INEP), do Instituto Nacional do Livro, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). A criação dessas instituições e a decretação da Reforma Capanema esboçaram um sistema educacional para o país, até então inexistente. (GHIRALDELLI, 1992. p.83).

Graças à Reforma Capanema, os anos 1940 puderam proporcionar a experiência brasileira mais consistente de educação a distância via rádio. A Universidade do Ar foi ao ar de 1947 a 1962, produzida em São Paulo pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e a rede de Emissoras Associadas, o programa buscou a melhoria do nível escolar e a qualificação profissional de pequenos proprietários e empregados de comércio, transmitindo pelo rádio aulas de Português, Matemática para Negociantes, Técnicas de Vendas, Introdução à Economia e Estudos Sociais. A Universidade do Ar pode ser considerada a primeira experiência de teleeducação brasileira a utilizar o método de Recepção Organizada que mesclava aulas radiofônicas e textos didáticos para alunos adultos. Eles acompanhavam as transmissões em um posto de

sintonia coletiva, coordenados por monitores que auxiliavam os estudantes na assimilação dos conteúdos e promoviam a avaliação periódica para aferir sua evolução individual.

Nos anos 1950, as principais iniciativas de educação a distância surgiram das organizações de trabalhadores rurais e da ação pastoral da Igreja Católica. Em 1957 foi criado o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA). Em 1958, a Igreja obteve a concessão de uma emissora, que foi inaugurada na Diocese de Aracaju em 1959, e também serviu como experiência-piloto para a constituição do Movimento de Educação de Base. Em 1959, durante o II Encontro dos Bispos do Nordeste, realizado em Natal, houve uma avaliação do trabalho de teleducação da Igreja, que apontou as boas perspectivas para a criação de um projeto abrangente como o MEB.

O Movimento de Educação de Base – MEB (MENEZES, 2002), que era um convênio entre o governo federal e a Igreja Católica, foi primeiro projeto de EaD desde o final do Governo Vargas, do qual o Estado brasileiro participou. O MEB foi oficializado pelo decreto n.º 50.370 de 21 de março de 1961, com objetivo de desenvolver uma pedagogia popular dedicada à educação de adultos, um tipo de ensino que não oferecido pelas escolas públicas, que só atendiam crianças e jovens. Em 1961 e 1962 foram aprovadas, respectivamente, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, o Código de Telecomunicações e a criação da Embratel, que começaria a operar apenas em 1967, em plena ditadura militar. A ditadura militar patrocinou entre 1964 até o início dos anos 1980, diversos projetos e organismos oficiais de teleducação, embora algumas propostas nem tenham saído do papel. Outras foram implantadas e os resultados obtidos nunca foram devidamente avaliados.

Um deles foi o Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, que desde 4 de outubro de 1970 produzia o Projeto Minerva (MENEZES; SANTOS, 2002). O programa educativo transmitia cinco horas semanais de conteúdos didáticos repartidos em programas diários de meia hora, que iam ao ar em rede nacional, de segunda a sexta-feira. Aos sábados e domingos havia a transmissão de alguns reprises e resumos, que durava uma hora e quinze minutos. Nesse período, as atenções dos pesquisadores e especialistas em recursos para EaD foram dedicadas, primeiramente, para a televisão em rede nacional, cuja abrangência poderia favorecer bastante a implantação de sistemas nacionais de teleducação audiovisual.

A partir dos anos 1980, a possibilidade de utilizar a televisão como ferramenta de ensino-aprendizagem foi ampliada pelo desenvolvimento do videocassete doméstico (que facilitou as práticas de ensino ao viabilizar a gravação direta e a reprodução de conteúdos) e também começava a ascensão dos microcomputadores nos ambientes profissionais, educacionais e domésticos, cujos potenciais para ensino-aprendizagem se tornariam predominantes a partir do desenvolvimento da Internet comercial, em meados dos anos 1990.

Produção Radiofônica

Segundo Kaplún, o rádio apresenta “extraordinárias vantagens quantitativas como veículo massivo”: ampla difusão popular, simultaneidade, instantaneidade, largo alcance, baixo custo per capita e acesso direto às casas dos destinatários (KAPLÚN, 2017, p. 49). Abraham Moles já qualificava o rádio como “educação adulta” (MOLES at al, 1973, p. 16), em consonância com as vantagens do meio especialmente em lugares ermos e comunicação rural, como registrados por Bordenave (1987, p. 15). Com o barateamento de smartphones, os meios digitais unem-se ao rádio como um recurso com possibilidades de maximização dos temas educacionais que complementam os valores escolares.

Ao mesmo tempo, o meio rádio apresenta algumas limitações, como a unissensorialidade (2010, p. 51), que exige grande poder de concentração e pode cansar o ouvinte. Pela audição que realizamos, o programa Educa Quarentena utiliza várias formas para driblar essas dificuldades, tratando o tema escolhido do dia utilizando quizzes, participação de estudantes, além de informações úteis sobre a COVID-19, as escolas e as avaliações, que entremeiam a conversa que o secretário realiza com a professora do dia. Em forma de bate-papo, o entrevistador apresenta a professora e o tema e a convidada expõe o conteúdo, que é debatido e exemplificado pelo secretário municipal. Percebemos, ao acompanhar a transmissão pelo Facebook de Ferreira, que a presença da professora, personagem conhecida da comunidade,

amplia o interesse dos ouvintes e gera debate entre os colegas docentes da rede.

Ademais, o “interesse coletivo” (VIGIL, 2004, p. 216) de mães e pais de alunos sem aula, aumentado pela pandemia, parece ser um outro fator a aumentar a audiência da emissora comunitária de Serra Negra do Norte.

Por ser aberto, o tema do programa foca em temas gerais. Por exemplo, na audição de 16 de julho de 2020, o tema foi sobre sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos, com a professora Danila Costa. O próprio dirigente municipal cuida da divulgação do tema através do Whatsapp, enviando o link da rádio Princesa da Serra FM no portal rádios.com.br e o link de seu perfil de Petrúcio Ferreira no Facebook, onde também fica gravado³. Modelo que é caracterizado como rádio expandido, por permitir que o conteúdo radiofônico convirja com outros meios, digitais, extrapolando as ondas hertzianas (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13).

A gravação também pode ser feita por professores que tenham canal no YouTube, como o professor e artista Júnior Misaki⁴ que no dia 23 de junho de 2020, apresentou o tema “Um São João Diferente”. Tradicionalmente comemorado nas escolas, o São João da pandemia ocorreu no rádio com competição de rimas, brincadeiras com fantoches, seleção musical de forrós, distribuição de brindes aos alunos da rede municipal e também, com a exibição virtual de fotos para melhor caracterização junina, de vídeos que disputavam a melhor dança, o melhor poema que representasse o São João Virtual, reflexões sobre a comida, a história e a cultura do Nordeste. Tudo era enviado para o Whatsapp de Ferreira e compartilhado com a comunidade pelo rádio. Na gravação, podemos ver que ambos, apresentador e convidado, estavam caracterizados, e à frente de um cenário de chita, manipulavam bonecos e faziam brincadeiras com os alunos.

Por ser um programa ao vivo (VIGIL, 2004, p. 378) conduzido por um apresentador acessível e simpático (2004, p. 372), que contava com a participação de profissionais habituados e chamar a atenção de crianças e adolescentes, havia a participação ativa dos professores entrevistados, o acompanhamento musical era vinculado aos repertórios da forte tradição nordestina de comemoração popular das festas juninas, além de uma participação popular (2004, p. 383), informativa e divertida (2004, p. 386). Apesar da finalidade educativa do programa conduzido por Petrúcio Ferreira, ao apresentar concursos (2004, p. 390), entre outras características que conciliam as finalidades pedagógicas com entretenimento, essa radiorevista não se desvincula do carisma midiático do rádio; também apresenta-se com uma “roupagem” de audiocast, um formato audiofônico digital que utiliza o carisma do rádio, a simplicidade e o baixo custo de produção da comunicação sonora, para fazer sucesso crescente nas muitas redes e dispositivos da internet. Não há vinhetas e os 60 minutos do programa transcorrem como um bate-papo de estilo livre, sem cortes. O roteiro, dinâmico (KAPLÚN, 2017, p. 75) destaca-se por ser estruturado em tópicos, ou seja, tanto apresentador quanto entrevistado apenas leem os tópicos e improvisam e comentam livremente durante todo o programa.

A entrevista

No dia 15 de junho de 2020 enviamos uma mensagem eletrônica à Secretaria Municipal de Serra Negra do Norte, pedindo o contato do secretário ou do responsável pelo programa Educa Quarentena. A resposta veio rapidamente, passando o número de celular do dirigente municipal de ensino e pedindo que usássemos o Whatsapp para conversarmos mais rapidamente.

No dia seguinte enviamos 10 perguntas ao secretário Petrúcio Ferreira. Todas elas foram respondidas por áudio, em vista da grande quantidade de entrevistas que o secretário-radialista de Serra Negra do Norte tem concedido aos meios de comunicação, devido à repercussão do Educa Quarentena. Logo no início da pandemia, algumas secretarias municipais de educação de norte a sul do Brasil, pela disponibilidade de emissoras locais, também pela facilidade e menos custo de produção, foram ágeis em escolher o rádio para se comunicar com os estudantes

³ É possível ver os programas no perfil de Petrúcio Ferreira em [facebook.com/petrucio.ferreira](https://www.facebook.com/petrucio.ferreira) acesso em agosto de 2020.

⁴ A gravação pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=Fa9aL-TILZ8> acesso em agosto de 2020.

dos ensinos fundamental e médio. Escolhemos a cidade do Rio Grande do Norte pela facilidade de contato inicial, pois muitas secretarias municipais não têm endereço eletrônico próprio ou contatos oficiais acessíveis.

Começamos a entrevista perguntando como surgiu a ideia de utilizar o rádio durante a pandemia. O secretário explicou que foi uma reação à prorrogação de um decreto estadual de 18 de março de 2020, que suspendeu as aulas escolares no Rio Grande do Norte. Após a publicação de um Guia Educacional⁵ (com dicas de saúde e higiene, passatempo e brincadeiras para os dias semanais, sugestão de leituras, filmes e confecção de brinquedos), somente disponível para quem tinha internet, o secretário decidiu ir ao rádio para compartilhar o material publicado para quem não dispunha de nenhum recurso de conexão. Destinado aos três níveis de ensino, todo o conteúdo escolástico é feito pelo secretário, pelos professores e pedagogos do município; e os temas transversais ao currículo são trazidos por profissionais de saúde, conselheiros municipais, advogados e outros profissionais e especialistas.

Como há o compromisso de trazer todas as disciplinas e os temas transversais, as aulas pelo rádio são um complemento ao material online e impresso que é distribuído e às orientações que cada professor passa aos pais e discentes pelo Whatsapp. Todas as atividades repassadas aos alunos são arquivadas, para que ao final de pandemia, sejam apresentadas aos professores e direções das escolas.

Também perguntamos ao secretário de Educação e Cultura de Serra Negra, se no rádio, há alguma disciplina se encaixa melhor que outra. Ferreira respondeu que o empecilho não era o conteúdo, era o nervosismo inicial dos professores, que não estão habituados a se comunicar ao vivo pelo rádio. E conforme eles foram se acostumando com a prática, todos passaram a aplicar estratégias para trabalhar o conteúdo somente pelo som, complementando o material escrito disponibilizado para os alunos. O retorno dos alunos aos conteúdos passados por rádio é considerado alto, registros presentes no Facebook e Whatsapp do secretário e dos professores. A rádio abrange todo o município de Serra Negra, incluindo 160 discentes da zona rural. Entretanto, como o número exato de alunos alcançados diariamente não pode ser medido, a secretaria fez uma pesquisa de avaliação do programa Educa Quarentena pelo Google Forms. O resultado foi audiência manifesta de quase 60% dos alunos⁶. Pelo Facebook a visualização diária varia entre 600 a 1800 alunos.

O secretário também informou que a rádio Princesa da Serra, que já transmite as sessões da Câmara Municipal de Serra Negra do Norte, não recebe verba pública para exibir o programa. Aprovado pelos radialistas da emissora, o programa foi criticado justamente pelo seu ineditismo, pois não há outros registros de um secretário de Educação e Cultura que apresente um programa diário no rádio. Apesar de Petrúcio Ferreira não considerar possível manter a radiorevista após a pandemia, porque os estudantes já terão voltado às atividades escolares, ele não descarta haver uma edição menos frequente para auxiliar os estudantes serra-negrenses-do-norte.

Segundo o dirigente Municipal de Educação de Serra Negra do Norte, o programa Educa Quarentena, que deve durar apenas durante o período de isolamento social e que não teve custo para o poder público, foi a solução encontrada para atualizar os alunos sobre a situação escolar durante a pandemia, especialmente àqueles estudantes sem acesso à internet. Mas, as desigualdades escolares e sociais, infelizmente, foram ampliadas e escancaradas nesse período de aulas suspensas. Para ser mais kapluniano, o programa Educa Quarentena poderia incluir também os educandos na produção do programa, do mesmo modo que inclui os educadores. Isso tornaria o programa mais democrático, já que aumentaria o número de mediadores (BORDENAVE, 1987, p. 13), deixando-o mais popular – não por ter apenas mais aceitação dos setores populares, mas por ser mais próximo aos interesses e da realidade do alunado (MELO, 2006, p. 77).

A iniciativa do programa, em nossa opinião, serve de alento social e educacional durante o esvaziamento escolar que o isolamento preventivo causou em um pequeno município interiorano, onde a escolarização das crianças e adolescentes representa a principal ferramenta

5 O Guia pode ser consultado em <https://bit.ly/guia-educacional> acesso em agosto de 2020.

6 Foram 600 respostas. Dados fornecidos pelo secretário Municipal de Educação e Cultura para este artigo.

de formação e de inclusão econômica e cultural; além de merenda diária, um suplemento que ajuda a aliviar a desnutrição entre os filhos das famílias pobres.

Considerações Finais

No Brasil, a configuração de um sistema de ensino mediado sempre dependerá de muitos investimentos e intensos esforços, porque antes da definição e configuração de quaisquer conjuntos de tecnologias que se adequem a cada realidade e demandas educativas locais, regionais e nacionais, é preciso verificar se há disponibilidade de professores com alguma vivência em aulas remotas, seja como professor-tutor, ou como conteudista e produtor de linguagens para os diferentes meios servíveis para a difusão de educação remota. De fato, a produção de aulas para EaD exige formação ou atualização de docentes, porque além de um bom domínio de suas áreas disciplinares, requer conhecimentos bem especializados em formatação de conteúdos didáticos em linguagens apropriadas ao veículo de transmissão das aulas remotas, sobre os conhecimentos e as ferramentas necessárias os serviços de outros profissionais especializados no manejo de várias tecnologias e de diversos recursos comunicativos (nem todos digitais). O desenvolvimento de conteúdos didático-pedagógicos para teleducação é uma atividade que exige a combinação da tradicional experiência docente em sala-de-aula, com novos conhecimentos didáticos-pedagógicos derivados dos recursos tecnológicos-comunicativos-midiáticos.

Só com a criação de condições minimamente adequadas, é possível produzir longas sequências de conteúdos curriculares, que são necessárias para atender cada disciplina dos currículos escolares. Não dá para pensar em um único padrão de transmissão de EaD para todos os municípios brasileiros, como ainda fazem as redes comerciais de televisão. Afinal, um sistema educacional remoto também precisa ponderar e respeitar as distintas características sociais, geográficas, estruturais, socioeconômicas e até culturais.

Há um desafio imediato e intrincado para os gestores da educação pública federal, estaduais e municipais do Brasil. É preciso que eles consigam mobilizar a sociedade e lideranças políticas favoráveis à expansão e melhoria do ensino público para aprovar recursos orçamentários para formar professores e dirigentes para estruturas e iniciativas públicas de EaD, que sejam suficientes para atender com alguma eficiência didático-pedagógica os estudantes brasileiros que vivem em 5.568 municípios de um território continental, com densidade demográfica, renda e infraestrutura social distribuídas de maneira muito desigual. Ou seja, a viabilização abrangente de estruturas didático-pedagógicas e de pessoal com alguma capacitação para produzir e difundir aulas remotas exige muitas articulações e investimentos, que são quase impossíveis de serem obtidos e executados durante um imprevisto período emergencial, cuja duração é incerta. Além de todos os elementos complicadores já apontados para a viabilização de estruturas funcionais de EaD, os investimentos necessários para iniciativas desse porte são dependentes da mobilização rápida de um governo federal privatista e errático, que sempre exhibe pouca vontade político-administrativa para financiar políticas e serviços públicos emergenciais ou perenes.

O isolamento obrigatório durante a pandemia agravou mais a situação socioeconômica entre as distintas camadas de trabalhadores brasileiros, já que também retirou de milhões de crianças e adolescentes que são filhos de trabalhadores pobres, a principal refeição do dia que era assegurada pela merenda escolar, cujo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) atende diariamente cerca de 47 milhões de estudantes matriculados nas redes públicas de educação básica⁷. Para que as atividades de ensino em um sistema remoto ocorram de forma satisfatória, é preciso haver uma articulação tecnológica e metodológica que propicie aos professores e aos alunos, recursos de aproximação pedagógica similar às das aulas presenciais. A possibilidade de interlocução direta com o professor e os colegas de turma facilita o aproveitamento das aulas e assegura aos alunos, mais chances de boa aprendizagem.

Assim, o domínio de conhecimentos teórico-práticos, o tipo de formação e o grau de experiência dos professores em educação mediada são determinantes para que essa moda-

7 Disponível em <<https://www.fnnde.gov.br/programas/pnae>>. Acesso em set. de 2020.

lidade se firme no Brasil, não apenas impulsionada pelo isolamento social e o bloqueio do ensino presencial impostos pela pandemia. A pesquisa PNAD Contínua 2019⁸ mostra que a proporção de pessoas que fizeram o ensino médio completo, acima de 25 anos ou mais cresceu gradualmente no país (45,0% em 2016; 47,4% em 2018; em 2019, 48,8%); apesar da progressão registrada, uma quantia de 69,5 milhões de brasileiros adultos (51,2%) não conseguiram concluir essa etapa educacional.

Então, a criação e consolidação de um sistema nacional de EaD teria a demanda de formar remotamente ainda mais da metade dos adultos, que ainda não dispõe de escolarização suficiente para enfrentar os desafios da vida contemporânea. Seria um sistema complementar viável, regular e eficiente de ensino moldado para formar um alunado de jovens e adultos, que são pertencentes às camadas trabalhadoras e pobres da população, que não puderam frequentar o ensino fundamental e médio durante as faixas etárias recomendadas para a escolarização. Ademais, os meios de comunicação, de massa e digitais, podem contribuir para a educação formal e não-formal (BORDENAVE, 1987, p. 33) permanente da sociedade. Em nossa visão, o programa Educa Quarentena é um bom exemplo disso, pois consegue envolver a comunidade de educadores, de educandos e suas famílias em momentos de troca, de debates e reflexões sobre a escola, sobre a situação de crise da saúde pública atual, reforçando valores escolares (NETTO, 1976, p. 185), além de ampliar as formas de manter os estudantes ativos durante o isolamento social, complementando o uso dos livros e dos materiais disponibilizados pelos professores da rede estadual.

Referências

BORDENAVE, Juan E. Días. **Teleducação ou Educação à Distância** – Fundamentos e Métodos. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.; 1987.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia** – de Gutenberg à Internet. 2ª edição. Trad. Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006.

COELHO, Patrícia. **A radioeducação no Brasil e o culto ao pacifismo (1919-1939)**. In: Cadernos de História da Educação, v.16, n.2, p. 539-553, mai.-ago. 2017. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/319340909_A_radioeducacao_no_Brasil_e_o_culto_ao_pacifismo_1919-1939>. Acesso em: 2 set. 2020.

COHEN, Daniel; PEREYRA, Marta (orgs.). **Lenguaje de la radio**. Córdoba: Brujas, 2010. Disponível em <http://hdl.handle.net/11086/4636> acesso em agosto de 2020.

DE MARCHI, Leonardo. **A Destruição Criadora da Indústria Fonográfica Brasileira, 1999-2009** – Dos discos físicos ao comércio digital de música. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016.

DE MASI, Domenico. **Criatividade e Grupos Criativos**. Trad. Léa Manzi e Yadir Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio** – do roteiro à direção. Org. da Trad. Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (orgs.). **O Novo Rádio** – cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

⁸ Detalhes em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em set. de 2020.

MAGNONI, Antônio Francisco. **Primeiras aproximações sobre pedagogia dos multimeios para o ensino superior**. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2001.

MAGNONI, Antônio Francisco et alii. **O Rádio Digital avança no interior de São Paulo**. In: Nélia R. del Bianco e Sônia Virgínia Moreira. Rádio no Brasil: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MELO, José Marques de el al (orgs.). **Educomídia, alavanca da Cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. <https://www.youtube.com/watch?v=vUyDvdB-0u8>

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. **Projeto Minerva** (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/projeto-minerva/>. Acesso 2 set. de 2020.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. **MEB** (Movimento de Educação de Base) (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/meb-movimento-de-educacao-de-base/>. Acesso em: 1 set. 2020.

MOLES, Abraham A; GLICKSMANN, A; FRIEDMANN, Georges; MORIN, Edgar. **Linguagem da Cultura de Massas: Televisão e Canção**. Trad. Sebastião Velasco e Cruz e Hilda Fagundes. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1973.

MORA, Ángela Marcela Cárdenas. **Radio Creativa en la radio escolar – Vía libre a la imaginación y la fantasía**. Trabalho de Conclusão do Curso - Pontificia Universidad Javeriana - Facultad de Comunicación y Lenguaje - Bogotá, 2008. Disponível em <https://repository.javeriana.edu.co/bitstream/handle/10554/5138/tesis83.pdf;jsessionid=C9BD881BB260FCAEB53AFFA257992AE3?sequence=1>. Acesso em: 30 ago. 2020.

NETTO, Samuel Pfromm. **Tecnologia da Educação e Comunicação de Massa**. São Paulo: Pioneira, 1976.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista**. Coleção memória da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

SOUZA, I. S. de; SOUZA, C. A. de. **O poder do rádio na era da educação à distância**. abr. 2007. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/53200713528PM.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o Mundo Moderno**. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação**. 7ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

VIRGIL, José Ignacio López. **Manual Urgente para Radialistas Apaixonados**. 2ª ed. Trad. Maria Luísa Garcia Prada. São Paulo: Paulinas, 2004.